

O Fascínio do Oriente na vida e na obra de Garcia d'Orta

Pedro Luzes*

Podia dizer-se que Garcia d'Orta foi o equivalente ou a compensação que os Portugueses receberam pela perda de Colombo e Magalhães em favor de Espanha. Se estes descobridores aprenderam tudo o que sabiam sobre náutica em Portugal, como Colombo, ou eram mesmo portugueses, como Magalhães, ambos acabaram por engrandecer a Espanha com as suas descobertas e feitos.

Garcia d'Orta foi a contrapartida desses dois navegadores. Filho de pais judeus e espanhóis, a obra que nos deixou reverteu a favor das nossas descobertas e foi para maior glória dos portugueses.

Mas será assim tão fundamental a obra de Garcia d'Orta, que nos possa compensar de não termos sido os primeiros a dar a volta ao globo da Terra? De não termos achado a América, depois de Colombo ter feito a oferta do seu plano a D. João II? A descoberta da América, a volta em torno do Mundo, teriam sido demais para um pequeno país de fracos recursos, e teriam sido difíceis de aproveitar. Resta saber se mesmo Garcia d'Orta, o pudemos plenamente aproveitar?

Charles Boxer escreveu que a fama de Garcia d'Orta e dos seus *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia* é merecida, pois o seu livro é notável a quatro títulos: 1º É um padrão na história mundial da medicina, ainda hoje citado como autoridade nalguns assuntos que trata. 2º É o livro mais interessante publicado pelos Portugueses na Índia, e sobre a Índia, nos séculos XVI e XVII. 3º Contém a primeira poesia impressa de Luís de Camões. 4º Contém mais erros tipográficos do que qualquer outro livro jamais saído do prelo, em qualquer parte do mundo. Já veremos em maior pormenor cada uma destas atribuições de Boxer – sobretudo a última que nos parece poder ser sujeita a revisão.

* Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa; Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Os *Colóquios* começam de chofre, *in medias res*. Vejamos o começo do *Colóquio primeiro*, em que se introduz o Doctor Ruano, «muito conhecido do auctor em Salamanca e em Alcalá, o qual vem à India com hum seu cunhado, que he feitor de huma não, e nam vem qua por mais que por saber das mézinhas da India e de todolos simples que nella ha, e como chegou a Goa e ouvio nomear o autor, conhecendose ambos, vay pousar com elle e declaralhe sua entençam, e o autor lhe responde».

Interlocutores

Orta, Ruano.

Orta

«Pois que já temos praticado na vida que fizestes depois que nos apartámos do estudo, e porque causa viestes á India, será razão que me digais se ha alguma cousa em que vos eu possa servir, porque desdagora me aperceberey pera isso».

Ruano

«Saiba que posto que vim qua porque tenho parte nesta não em que veo meu cunhado por feitor, bem podéra escusar com a sua vinda delle a minha a esta terra, mas porque tenho grande desejo de saber das drogas medicinais (as que chamão lá em Portugal de botica) e destoutras mézinhas simples, que qua ha, ou fruitas todas, e da pimenta, das quais cousas queria saber os nomes em todas as linguas, assi das terras donde nascem e dos arvores ou prantas que as crião, e assi queria saber como usão dellas os fisicos indianos, e tambem queria saber dalgumas outras plantas e frutos desta terra, ainda que não sejam medicinais, e assi dalguns costumes desta terra, ou cousas que nella acontecerão, porque todas estas cousas ham de ser ditas na verdade, vistas per vós ou per pessoas dinas de fê».

Ruano, interlocutor constante de Orta nos *Colóquios*, é um alter-ego do autor. Nesta cena que por alguns comentadores já foi interpretada como desenrolando-se no convés de uma nau que acaba de arribar a Goa, ou pelo menos pretende apresentar-nos Ruano recém-chegado ao Oriente, vemos quais

eram as disposições de Garcia d'Orta, trinta anos antes de publicação dos Colóquios, ao chegar à Índia.

Quer saber tudo sobre as drogas medicinais, sobre as não-medicinais, sobre os frutos todos, sobre a pimenta, sobre todas as especiarias sobre os costumes e gentes da Índia e veremos ainda estender a sua ânsia de conhecimento aos elefantes, aos camelos e rinocerontes, bem como às jóias e pedras preciosas, desde as pérolas aos rubis.

Logo a seguir somos informados que o seu interesse por todas as coisas é tamanho que até lhe tira o sono. Tudo procura saber de Botânica, Zoologia, Antropologia, Etnologia, Etnografia, Geografia, Astronomia, História.

O vigor deste apetite epistémico de tudo conhecer e investigar, é instintivo ou pulsional. Significa o termo pulsional, em psicanálise, uma necessidade que não pode ser posta de parte, que constantemente se apresenta como desejo quasi inadiável. As pulsões têm uma origem, uma energia, uma finalidade, um objecto. De todas estas características a mais variável é o objecto. Freud estudou a pulsão de saber (*Forschertrieb* ou *Wissensdrang*) em Leonardo da Vinci. O livro dedicado por Freud a Leonardo (Uma Recordação Infantil de Leonardo da Vinci) põe em evidência que a pulsão de saber, de descobrir segredos na Natureza, é uma variação quanto ao objecto, da curiosidade sexual infantil, ou voyeurismo infantil, transformado no adulto em verdadeira fome ou avidez de saber (*Wissbegierde*).

Para justificar a sua fome de saber Leonardo tinha afirmado que «não era possível amar ou odiar uma coisa se esta não fosse primeiro conhecida».

Freud comenta que, psicologicamente, não se verifica que os seres humanos adiem o amor ou o ódio até terem estudado e se terem tornado familiares com a natureza do objecto, ao qual estes afectos se aplicam.

Pelo contrário amam compulsivamente, e por motivos emocionais, sem que isto tenha relação com o conhecimento do objecto. Na realidade, o amor é, quando muito, enfraquecido não reforçado, pela reflexão e pelo pensamento.

Leonardo foi um homem que, segundo Freud, no início da sua carreira, tinha encarado com paixão, sensual e sexual, a natureza à sua volta, sobretudo o rosto e figura humana. Depois a paixão, o deleite pela vida foram transformados em curiosidade, em sede de conhecimento, por objectos mais abstractos, máquinas de guerra, ou máquinas de voar, por exemplo. Numa primeira fase, a seguir a todo um labor intelectual de investigação, Leonardo vai abrir as comportas psíquicas à emoção, transformando então a descoberta

dos enigmas da natureza em uma experiência quasi mística, acompanhada de prazer intenso. Numa fase ulterior o retorno a uma atmosfera emocional deixa de ser possível e, Leonardo tornou-se um homem distante, frio que não pode amar, mas apenas investigar. Nesta fase torna-se para ele muito difícil concluir os trabalhos artísticos que iniciara, e só com relutância pinta.

Garcia d'Orta, tal como Leonardo, foi um homem do Renascimento. Tanto para um como para outro, o que pertencia à Idade Média chegara ao fim. A Escolástica tinha procurado conservar o pouco que restara do mundo antigo através de um saber repetitivo, através da fixação de «essências», sempre as mesmas, evitando a mudança ou a transformação.

Homens como Leonardo e Orta sentiram que para haver uma renovação do saber era necessário surgir um forte individualismo que afastasse o homem de fórmulas gastas, e além disso, uma interrogação incessante da Natureza.

Para Leonardo conhecer a Natureza implicava a visão da beleza dos corpos femininos e masculinos, conhecer esses corpos através do estudo anatómico. A Anatomia supõe um estado mortífero das diferentes partes do corpo: para poder abordar o corpo tornado cadáver é necessário ultrapassar as angústias de morte e as angústias de castração. Leonardo conseguiu a reanimação desses corpos desvitalizados até determinada época,

(até à época de Milão em que trabalha sob a protecção de Ludovico Sforza). Depois dessa época o esforço de reparação ou restituição tornar-se-ia progressivamente mais penoso para Leonardo, e teria de ser abandonado.

No caso de Garcia d'Orta, houve certamente como médico, uma tentativa de abordagem do corpo desmantelado ou desvitalizado. Mas embora ele se tenha ocupado do corpo, através da actividade médica, sem sombra de dúvida, o mais importante do seu esforço vai para a Botânica e Farmácia. As plantas são, como já se sabia no tempo de Orta, seres vivos e sexuados, possuindo ao nível das flores sexo masculino, feminino ou hermafrodítico. As flores são, elas próprias, os órgãos sexuais das plantas. As cores vivas, os odores suaves, as formas elegantes das flores, juntamente com o papel que desempenham na fecundação e frutificação são a garantia da perenidade das espécies e da Natureza ela mesma, como o são os órgãos sexuais da mulher externos e internos. As analogias são muitas e lembramo-nos da simbolização referida em Camões, quando fala dos roxos lírios de Vénus.

O interesse d'Orta pelos simples e drogas também pode ser relacionado com as proibições dietéticas da religião judaica. A comida que o judeu consome

sofre restrições pelas condições de pobreza em que viveu durante séculos, e é reduzida ainda por restrições dietéticas de ordem religiosa. Só lhe é permitido comer vegetais e certos animais (bovídeos, aves, peixes com escamas mas não outros). Não é permitido misturar, na cozinha ou no comer, carnes e leite. Na busca de novos sabores e paladares, Orta parecia tentar libertar-se de um Super-eu severo que proíbe tudo o que é amoroso e sexual, justificando as proibições com aproximações constantes entre sexualidade e oralidade.

Em Garcia d'Orta, tal como em Leonardo, encontramos uma curiosidade que, aparentemente desligada das suas origens erógenas, se transforma em um processo infindável de ruminação intelectual. O sentimento de arrumar as coisas e as noções na mente, e explicá-las, é fonte de um trabalho sempre renovado.

O carácter sexualizado desta ruminação (que tudo procura devorar e consumir numa verdadeira bulimia) é parcialmente escondido. Em seu lugar é acentuada a procura minuciosa da verdade dos factos, que apesar de tudo nunca alcança plenamente o alvo.

Eis algumas passagens dos *Colóquios* em que Orta descreve a sua exigente e incansável procura da verdade: «Eu não tenho ódio senão aos erros, nem tenho amor senão à verdade».

«Folguei de ouvir minhas verdades ditas sem retóricas, porque a verdade se pinta nua».

«A verdade tem pés e anda e nunca morre».

Estas frases e outras semelhantes mostram como Garcia d'Orta prezava a verdade. Aquele que não podia viver de acordo com a sua realidade (de judeu) e nem de acordo com a realidade dos que o rodeavam, tinha de buscar essa verdade no campo científico. Foi assim que Garcia d'Orta procurou na Índia, e na ciência, construir um refúgio e uma fortaleza que seria como um mundo novo, diferente do mundo da aparência e de opressão que tinha conhecido em Portugal como cristão-novo.

Na ciência, Orta que vivia curvado perante o mando injusto dos governantes, não podia aceitar autoridades. Como diz Silva Carvalho «julgou e condenou muitos pontos dos antigos, da mesma maneira que emendou os contemporâneos, combateu a peito descoberto o princípio de autoridade dos clássicos» e à vã Filosofia contrapôs, em categóricas afirmações, a supremacia da observação. Embora anunciasse que não era digno de desatar as correias dos sapatos de Galeno afirmava «não me punhais medo com Dioscórides ou

Galeno, porque não hei-de dizer senão a verdade e o que sei»; e mais tratando-se de um erro «nem que o dissera Galeno lhes dariamos fé». Considerava que os Gregos disseram muitas mentiras e dizia mesmo: «a mim, como a testemunha mais baixa do que todos os médicos, se há-de dar mais fé que a esses padres da medicina». «Eu vi» era o seu moto ou divisa.

O procurar a verdade, no saber, parece a outra face de um processo de ocultação sistemática das suas origens e identidade.

O que sabemos sobre a vida de Garcia d'Orta não é muito. Era judeu, nascido em Portugal, mas filho de pais espanhóis, judeus, aqui refugiados depois do édito dos Reis Católicos de 1482, que expulsara de Espanha todos os israelitas. Este facto não figura na célebre biografia do Conde de Ficalho, *Garcia d'Orta e o seu tempo*, publicada em 1886. É necessário esperar por 1933, para que a suspeita da sua identidade de judeu converso, fosse levantada por Augusto da Silva Carvalho, médico como Garcia d'Orta, professor em Coimbra, autor de valiosos trabalhos sobre a História da Medicina.

Silva Carvalho constatou que os *Colóquios* estavam eivados de espanholismos que apenas eram compreensíveis se a pessoa que os escreveu tivesse sido, em criança educada em Espanha, ou por espanhóis. Os espanholismos de Orta foram atribuídos a dificuldades do autor com a difícil «arte de escrever», ou a descuidos do impressor, sugestão essa retomada por Boxer.

Silva Carvalho, tendo a convicção que Orta provinha de família espanhola, cedo suspeitou de que a sua família era de judeus, fugidos para Portugal na grande migração de 1482. Decidiu então fazer pesquisas nos processos da Inquisição, e já não, como fora feito até essa data, nos arquivos das Câmaras, ou nos registos das Igrejas. Investigando os processos da Inquisição de Goa, cujas cópias eram transferidas para Lisboa, encontrou o processo de Catarina d'Orta, que tinha sido presa em Goa, em 1568, e era irmã de Garcia d'Orta.

Catarina aterrorizada, como todos os prisioneiros do Santo Ofício, entregou à Inquisição toda a gente, o que não impediu de a condenarem a ser queimada, em auto-de-fé, no ano seguinte ao da sua prisão (1569). Sobre o irmão, sobre Garcia, revelou que fôra casado com uma senhora, descendente de família castelhana judaica e que dela tivera duas filhas. Embora nos *Colóquios*, Orta revele muitos detalhes sobre a sua domesticidade, nada diz sobre o seu casamento. Se o seu casamento com uma senhora de origem

judia fosse conhecido seriam mais evidentes as suas raízes de cristão-novo. Nos *Colóquios* relata Orta que ia à missa todos os dias. Mas na intimidade dizia à irmã que a Lei de Moisés era a verdadeira Lei, e nela se haviam de salvar, que jejuassem no jejum do Quipur, que guardassem os sábados. E mais dizia que Cristo não era filho de Deus, que não o mataram os judeus, que morrera de velho, e era filho de Maria e de José. Estas e outras convicções eram características de todos os criptojudeus. Por isso a Inquisição o condenou postumamente, em 1569, e mais, em 1580, fez desenterrar os seus ossos da capela de Sta. Catarina de Goa para serem queimados, e as cinzas lançadas ao Mandovi. Também os *Colóquios* devem ter sido sujeitos a confiscações e destruições, pois em Goa onde foram impressos não foi possível encontrar um único exemplar, e em Portugal e estrangeiro encontraram-se menos de vinte da primeira edição, publicada em vida de Orta.

Desde que, Silva Carvalho, forneceu a prova da origem judaica de Orta, a motivação da sua partida e longa permanência na Índia (1534-1568) tem sido identificada como fuga à Inquisição e à sua senha perseguidora. As razões que determinaram Garcia d'Orta a emigrar e a permanecer longe, na Índia, sem nunca mais voltar, teriam sido, como diz Silva Carvalho, não «os fumos da Índia» mas o fumo das fogueiras da Inquisição que dentro em pouco iam arder em Portugal.

Mas dada uma igual possibilidade de fuga para a Holanda e para outros países que acolhiam bem os cristãos-novos, porquê afrontar os inconvenientes e perigos mortais da «carreira da Índia»? A resposta é do domínio das motivações inconscientes. Como nos é mostrado nos *Lusíadas*, o mar que se sulcava, a terra a descobrir, a conquistar, era feita de corpos femininos, brancos, virginais, que com os alvos peitos empurravam as naus para longe dos inimigos e das ciladas (inquisidores e suas prisões neste caso). O mar, antes, era cheio de Adamastores, de abismos onde os barcos se precipitavam, onde o sol era tão escaldante, o calor era tamanho que os homens viam as suas carnes abrasadas. A mesma Terra é agora feita de corpos animados de suaves movimentos, de correntes de cabelos, de mares de olhos. Depois de atravessar o mar, símbolo da mãe, chegavam os nautas à Índia, finalmente.

A Índia era conhecida desde os tempos dos Gregos e dos Romanos. De lá chegavam a pimenta, a canela e outras portentosas especiarias. Mas quando as especiarias chegavam a Roma, mais tarde a Veneza e às cidades da Liga Hanseática, não eram acompanhadas por nenhum indiano em corpo inteiro.

Nem nenhum europeu, nem mesmo Marco Polo, tinha alcançado essas terras fabulosas onde havia ouro, pedras preciosas, príncipes riquíssimos.

Quando foi possível ir e voltar de Lisboa às Índias fabulosas, em barco, em pouco mais de um ano, sem atravessar o deserto sobre o dorso de um camelo, apareceram ou reapareceram as imagens das mulheres do Oriente - a dócil escrava negra, a mulher de lânguidos olhos em amêndoa, as mulheres virgens e ardentes, as mulheres que recebiam em casa os soldados, como amantes, depois de terem adormecido os maridos com *datura*, ou outro dormitivo.

Muitas vezes esquecem-se estas motivações sexuais profundas como explicação do facto de a seguir à viagem do Gama, deste pequeno Portugal, todos os anos, durante quatrocentos anos, terem partido navios a abarrotar de machos sonhando com um paraíso reconquistado nas doçuras de um corpo feminino. Mas Camões não o esquece (1). Como não era possível atribuir ao Gama amores semelhantes aos de Eneias ou de Ulisses, visto que o austero capitão nas suas duas primeiras viagens apenas tinha navegado e guerreado, Camões cria a Ilha dos Amores onde os ardorosos e sonhados anseios se podem realizar. O Gama afinal não conhecera a Índia: por ordem do rei não abandonava nunca as naus, para não ser detido ou aprisionado, e apenas de modo fugaz desembarcou, para se apresentar ao Samorim de Calecut.

Não eram os homens que foram à Índia, mercadores-capitalistas, nem eram movidos pela vontade de poder. O mesmo sucedera com Ulisses que fez o seu périplo em busca das sereias, de Circe, de Calipso, até chegar à fiel Penélope que afasta de si os robustos jovens que a ela aspiravam, com a imagem do poderoso arco-pênis de Odisseus que ninguém conseguia dobrar...

Já tinha sido assim nas Cruzadas, em que Jerusalém era a virgem que negros infiéis conservavam cativa.

O corpo de todas as mulheres era o corpo da mãe, desejado desde o princípio da existência. Afinal os descobrimentos tinham por fim último, o incesto. Para que esta equivalência tivesse lugar era necessária, a família monogâmica, onde nascera Édipo, e que seria investida pela dupla pulsão, do incesto e do parricídio. Na Índia, entre os hindus, as coisas não seriam sentidas do mesmo modo. Não havia nem família monogâmica, nem Édipo. Também não havia navegação, pois a gente do mar era considerada contaminada ou impura e não podia conviver com outras castas naires ou brâmanes, que os deveriam comandar.

Garcia d'Orta partiu para a Índia em 1534 levado pelo fascínio do Oriente que afectava todos os Portugueses. Também fugia de Lisboa, como lugar perigoso pois já se sabia, que após porfiadas negociações ia ser expedida a bula papal que estabelecia neste malfadado Reino, tal como em Espanha, o Tribunal da Inquisição. A bula *Cum ad nihil magis*, foi tornada pública, dois anos depois da sua partida, em Maio de 1536.

Em Outubro do mesmo ano, era nomeado frei Diogo da Silva, Inquisidormór em Portugal. Garcia d'Orta partira, na armada comandada por Martim Afonso de Sousa que ia como capitão-mór do mar, o que correspondia à segunda posição na Índia, logo a seguir ao Governador ou Vice-Rei. Depois de uma viagem sem percalços, chegara à Índia em Setembro de 1534. Como médico pessoal de Martim Afonso, no mês seguinte vai cruzar a costa de Cambaia e, visita o Templo de Elefanta. Assiste à assinatura do tratado de aliança que Martim Afonso faz com o sultão Badur, pelo qual é cedida Baçaím, que será capital da «provincia do Norte». Em 1535 está em Diu onde os portugueses não tinham ainda construído a célebre fortaleza e atravessa toda a península do Guzarate numa expedição militar comandada por Martim Afonso, contra os Mongoís, e em apoio do Badur. Em 1537 estava em Cochim onde assiste à tomada de Repelim e à batalha de Beadalá, passa algum tempo em Ceilão e daqui Malabar onde se recolhe a Cochim e depois a Goa.

Em Garcia d'Orta não encontramos o ascetismo que tantas vezes foi descrito nos científicos. Orta através do comércio enriqueceu na Índia. Além de possuir uma casa em Goa, com um grande quintal contendo algumas das suas plantas favoritas, estava aquela localizada, num bom sítio alto, arejado, donde se podiam avistar os navios ancorados no porto. Arrendou além disso a ilha de Mombaim (uma das sete ilhas sobre as quais se viria a fundar Bombaim, uma das maiores cidades da Índia).

Essa ilha tinha uma ampla mansão servida por múltiplas mulheres. D. João de Castro que passou por essa ilha chamou-lhe Ilha da Boa Vida pois nela tomaram os seus soldados «grandes recreações e repouso». Gerson da Cunha e Luis da Cunha Gonçalves supõem que aí esteve Camões e que a ilha, serviu de modelo idealizado para a descrição da Ilha dos Amores.

Camões teve relações de comovida amizade e admiração por Garcia d'Orta que encontram testemunho na Ode em que calorosamente recomenda os Colóquios ao Vice-rei, Conde do Redondo.

Martim Afonso de Sousa que foi seu amo e amigo e a quem dedicou os *Colóquios*, era um personagem notável. Esteve por duas vezes na Índia, primeiro como capitão-mór do mar, depois como Governador. Era daqueles homens de quinhentos que Camões descrevia como segurando numa mão a espada, na outra a pena. Era latinista, cosmógrafo, matemático, escritor, e guerreiro de uma coragem impávida e serena que nada conseguia perturbar. Orta foi médico de Martim Afonso e de outros governadores notáveis como D. João de Castro, e Pedro de Mascarenhas. Outro companheiro de Orta (que figura muitas vezes como interlocutor nos *Colóquios*) foi Dimas Bosque que chegou a Goa como físico-mór de D. Constantino de Bragança (1558) e que ficou na Índia depois da partida do Vice-rei pelas mesmas razões que Orta (pois era cristão-novo).

Orta frequentava os jesuítas do Colégio de São Paulo, fundado em 1542 e que foi a primeira Universidade da Ásia. Como diz o Conde de Ficalho, os jesuítas em Goa, como em toda a parte, começaram por realizar extraordinários avanços na instrução, só mais tarde começando a abafá-la quando tiveram medo que esta lhes escapasse das mãos. Há uma carta do jesuíta Luis Froes, datada de 1559, em que descreve uma «academia» ou discussão publica em que um jovem aluno do Colégio de São Paulo argumenta em latim sobre lógica, com o «idoso Doutor Orta», que é «dos melhores letrados que cá há nestas partes» e mais diz que «o menino lhe respondia (muito) aprepósito» .

Orta logo após a sua chegada à Índia, teve ocasião de ir ao reino de Ahmednagar reino importante situado logo ao norte de Goa. O rei deste estado era um príncipe maometano, culto, amigo das letras e das artes que os portugueses chamavam de Nizamaluco ou Nizamochó. Nizamaluco demonstrava grande apreço por Orta como médico e letrado. Procurou assegurar-se dos seus serviços médicos, em permanência, o que foi recusado por Orta várias vezes. Para visitar a capital de Nizamaluco Orta empreendia uma longa viagem, indo por mar até Chaul, ou por terra, atravessando os Gates.

Um dos prazeres de Orta nestas deslocações seria de encontrar correligionários judeus com quem podia falar livremente e participar em cerimónias rituais da sua religião. Quem sabe se Orta não aproveitava estas viagens para envergar trajes judaicos que lhe permitiam deslocar-se mais à vontade e ser mais bem acolhido nessa parte da Índia, do que seria com trajes portugueses?

Além de estar rodeado de letrados, Garcia d'Orta era ele próprio um letrado, um erudito. Conhecia bem o latim - tendo tido como companheiro de estudo Martim Afonso de Sousa, em Alcalá), fôra seu mestre António Nebrija, o maior latinista do século XVI - o grego, o hebraico, o árabe, o espanhol, o italiano, provavelmente o francês, além de entender alguns dos dialectos da Índia.

Deste modo torna-se difícil de compreender que os *Colóquios*, estejam mal redigidos, como escreveu Ficalho, ou como o fez notar Silva Carvalho, estejam eivados de espanholismos e construções de frases à castelhana. Alguns exemplos de castelhanismos: *si* (adv.) por *sim*, *si* (conj.) por *se*, *padre* por pai, *corteza* por casca de fruto, *cibo* por alimento, *melocotones* por pessegos, *companhões* por testículos, etc. Além disso Orta empregava maneiras de dizer castelhanas como no mais, muito mais melhores, fazer salva, (por brindar).

Porque não fez Garcia d'Orta rever a edição que em vida publicou dos *Colóquios* por algum letrado seu amigo, ou mesmo por um jesuíta português do Colégio de São Paulo?

A indicação de que o principal impressor da oficina de Ioannes de Endem se encontrava ausente, ficando a obra em mãos de um companheiro menos destre (informação dada na introdução de Dimas Bosque) poderia explicar alguns erros de impressão, mas não os numerosos espanholismos que vinham do próprio Orta e da confusão de línguas em que este foi criado na infância. A presença destes vocábulos castelhanos, de construções incorrectas de frases, denuncia uma edição precipitada da obra.

Mas há outras indicações de que a edição dos *Colóquios*, em 1563, foi precipitada. Em primeiro lugar a ausência de figuras ilustrando o aspecto das plantas descritas no texto. Estas ilustrações eram utilizadas de forma corrente, nos chamados «herbais», publicados anteriormente à obra de Orta. Mais tarde encontramos ilustrações nas adaptações dos *Colóquios* da autoria de Clusius (em 1567) ou de Cristóvão da Costa (em 1578).

Em segundo lugar a renúncia à utilização do latim em favor do português, na edição original dos *Colóquios*, também denuncia a pressa. Dimas Bosque, na nota introdutória dirigida ao leitor, explica, que o latim foi abandonado como resultado de um desejo de fazer chegar a obra a um maior número de pessoas. Mas o resultado obtido foi o contrário. Os *Colóquios* na sua versão portuguesa tiveram muita pequena difusão, por serem em língua

lusitana, e apenas alcançaram uma maior comunicação através das versões em latim de Clusius e de Cristóvão da Costa.

Os *Colóquios* apresentam-se como obra redigida com bastante desleixo, diz o Conde de Ficalho. Na nossa opinião este aparente desleixo é resultante das apreensões que passaram a atormentar Orta, quando em 1560 se deu a instalação da Inquisição em Goa – três anos antes do aparecimento da primeira edição dos *Colóquios*.

Se antes de 1560 havia uma hostilidade e perseguição crescentes contra os judeus (que viviam na Índia há vários séculos antes dos Portugueses) estas reacções não eram muito distintas da intolerância demonstrada para com mouros e gentios. Mas com a Inquisição as principais vítimas da perseguição passaram a ser os cristãos-novos, quer dizer os judeus que tinham sido convertidos ao cristianismo à força.

Através das investigações sobre a «pureza de sangue», isto é sobre os possíveis ascendentes judeus de cada pessoa, ou através da devassa à sua vida familiar e íntima, eram os inquisidores capazes de descobrir práticas judaizantes em qualquer judeu-converso. Como mostrou Alexandre Herculano, era impossível erradicar nos judeus batizados sob coacção, numa só geração, as antigas crenças e hábitos, mesmo que a sua conservação implicasse sanções graves, como a perda dos filhos, a prisão, o confisco de bens, a escravatura, o ser queimado vivo.

Os cristãos-novos, ricos e conhecidos eram as vítimas preferenciais. Antes de arremeter contra essas vítimas a Inquisição prendia os seus familiares que uma vez encarcerados, eram sujeitos à tortura. Estes para apaziguar os inquisidores e ganharem a sua libertação, denunciavam então como judaizantes, pais, irmãos, filhos, cônjuges: porque não respeitavam os jejuns da religião cristã, comiam carne em dias defesos, citavam a Lei de Moisés e davam outras demonstrações da sua antiga fé judaica. Todas estas denúncias obtidas por coacção eram consideradas verdadeiras e fidedignas.

Até à instalação da Inquisição em Goa, talvez Orta se tenha sentido numa relativa segurança. Prova disso será o seu casamento, em 1542, com Brianda Solis de quem virá a ter duas filhas e que chegou à Índia em uma Armada (a segunda) comandada por Martim Afonso de Sousa. Em 1548, chegaram à Índia as duas irmãs de Orta, Catarina e Isabel. Tinham estado presas à ordem do Santo Ofício em Lisboa. Duas prostitutas, as irmãs Loba, tinham-nas denunciado como judaizantes. Tendo estado presas de Março a

Dezembro desse ano, acabaram por ser soltas. Por vergonha de viver em Lisboa, depois de penitenciadas pelo Santo Ofício, decidem passar à Índia, possivelmente movidas pelo irmão que as desafiava a fazê-lo. Vinham acompanhadas da mãe, Violante Gomes, que faleceu em Goa 9 anos mais tarde e foi enterrada na igreja de Sta. Catarina.

Orta que tantas indicações deu nos *Colóquios* sobre a sua domesticidade nada diz sobre o seu casamento. Ficalho supôs que ele teria sido «um solteirão impenitente», rodeado de «escravas cuidadosas, razoavelmente rico, (que) passava uma vida regalada». Hoje o quadro que podemos evocar dos últimos anos de Orta é bem diverso.

O facto de calar o seu casamento foi seguramente determinado pela origem cristã-nova da família Solis. Esta família era rica com raízes portuguesas e espanholas. Quanto mais importantes fossem as alianças e relações de alguém com cristãos-novos, maiores eram as suspeitas de ser esse indivíduo, ele próprio, cristão-novo. O facto de Garcia d'Orta ter consigo familiares cripto-judeus acorrentou-o a Goa. Não podia, por exemplo, aceitar os convites de Nizamaluco ou de outro príncipe e abandonar Goa, deixando para trás mulher e filhas, mãe, irmãs, cunhados, abandonados e sem a protecção que lhes davam as suas funções de físico-mór, privando com vários governadores e com outros personagens altamente colocados. Muitas vezes querendo Orta sair de Goa (para ir procurar certas plantas, como menciona no *Colóquio* sobre a cânfora) também lhe era negada essa autorização.

Não sabemos quais os planos que inicialmente teria Orta para a publicação dos *Colóquios*. Considerava ele a obra completa, ou ainda pretendia reunir outras plantas produtoras de simples, descobrir novas indicações terapêuticas? O que pensaria ele na realidade das vantagens de um tratado em latim, que até seria melhor entendido por homens como Martim Afonso, do que o escrito em língua lusitana?

O que sabemos, por exemplo, através da dedicatória dos *Colóquios* é que queria deixar «alguma mostra dos seus trabalhos», «deixar fruto de mim aos vindouros» que o tornassem lembrado deles como o será o seu amo e senhor Martim Afonso, pelos seus feitos.

Depois do estabelecimento da Inquisição em Goa, em 1560, passou Orta não só a ter sérias apreensões acerca da sua vida e da sua integridade física mas começou a recear pela sobrevivência da sua única obra que devia transmitir o seu nome às gerações futuras. Os inquisidores em Goa, como em

Lisboa, faziam visitas às livrarias e determinavam que se queimassem muitos livros. Em Portugal os «familiares» do Santo Ofício iam aos navios, que chegavam ao porto de Lisboa, para apreender todos os livros considerados perigosos.

Os *Colóquios* depois de 1568, devem ter ido alimentar várias fogueiras, com o *imprimatur* do inquisidor Falcão, a ode de Camões ao Conde do Redondo, a dedicatória ao grande Martim Afonso de Sousa, e tudo. O próprio Orta previra esta purificação pelo fogo, no Colóquio 2º: «... se este livrinho qizerem imprimir... e lendoo alguma pessoa e nam achando no princípio cousa de que goste, sem mais esperar razão, dará este livro ao quarto elemento» (i. e. ao fogo).

O resultado destes autos de fé foi terem desaparecido todos os exemplares dos *Colóquios* na Índia, e na Europa incluindo Portugal, menos de vinte terem escapado à senha destruidora do Santo Ofício.

De qualquer modo a edição precipitada da obra deu a Orta um prazo de cerca de cinco anos, antes da sua morte, em que seguramente fez todo o possível, com o seu prestígio, proteger a sua obra e assegurar no mínimo a sua difusão.

Dissemos algumas coisas negativas sobre o texto dos *Colóquios*: obra descuidada, carente de revisão, içada de termos e fraseado castelhano, a que faltam ilustrações...

Mas vejamos o que há a dizer de positivo. O que terá levado um leitor atento como Boxer a escrever que este era o livro mais importante escrito pelos portugueses na Índia e sobre a Índia? As especiarias e drogas eram produtos de um interesse imenso, para os portugueses, para toda a Europa, não apenas por motivos económicos, mas em razão das suas propriedades polivalentes como condimentos, remédios, unguentos, perfumes, corantes de tinturaria. Sobre este assunto importante e vastíssimo era necessário um livro erudito, crítico (científico-histórico) sobre os aspectos farmacológicos, médicos e outros, destas e doutras drogas afins.

Orta é bastante metódico na sua exposição sobre os fármacos da Índia. Escreve cada capítulo dos *Colóquios* seguindo o mesmo método. Trata em primeiro lugar dos nomes que definem a identidade da planta, dos nomes que lhe são dados em português, em grego, em latim, sânscrito, árabe e nos vários dialectos locais; depois indica a sua procedência geográfica, os países onde aparecia espontaneamente ou era cultivada, a seguir os mercados para

onde iriam convergir. Depois faz a descrição da planta, folhas, caule, flores, frutos. Finalmente trata das aplicações terapêuticas e da administração.

Na descrição das plantas, encontrava Orta dificuldades pois a morfologia e a terminologia botânicas estavam muito pouco desenvolvidas. O mesmo aconteceu com todos os outros autores da época. Não havia, por exemplo, termos para designar as pétalas e outras partes da flor. Para ultrapassar algumas dificuldades, Orta recorria ao confronto das plantas da Índia com outras existentes em Portugal. Assim diz acerca da *cassia fistula* no Colóquio 14º: «deita esta árvore as flores amarelas como as da giesta, cheira propriamente como cravos verdes, e como caem as flores, nasce. O pau da cassia fistula ha modo de candeias como nascem em os castanheiros...». Sobre as carambolas diz que são doces, não muito azedas, do tamanho dos ovos de galinha e são muito amarelas...

No Colóquio 28º começa por tratar das jácas que ainda hoje têm esse nome (em inglês *jack fruit*, oriundo da *jack tree*) e dos jambolões. O fruto da jáca é comparado com o melão nascendo porém em árvores altas e grandes. Os jambolões, outro fruto, descreve Orta, como sendo do tamanho de um ovo de pata, com cor feita de branco e vermelho e cheirando a água rosada.

Estamos aqui longe da botânica descritiva do século XVIII. A terminologia morfológica é rudimentar e não há um sistema de classificação minimamente rigoroso. Orta através das analogias que estabelece mostra-se um perspicaz observador. Estabelecendo analogias ou identificações através dos nomes, e pela história dos locais de origem de cada planta, dá-nos uma ciência em *statu nascendi*. Essa história relata a proveniência e aspecto das plantas, úteis ou não úteis. O termo «história» é empregue no seu sentido antigo, correspondendo a qualquer coisa que estava no espírito de todos os tradutores dos *Colóquios* no século XVI. Vejamos: no primeiro e mais ilustre tradutor que é Clusius encontramos *Aromaticum et Simplicium Aliquot Medicamentorum Apud Indos Nascentium Historia*. Como nas traduções italianas (*Dell' Historia de I Simplici...*), ou nas francesas (*Histoire des Drogues Epicerie...*), etc.

Mais tarde o conjunto das disciplinas cuja finalidade era estudar a ciência natural (da Natureza) foi chamado História Natural. A História Natural no seu início, pelo seu método, era estritamente «natural», sem microscópios, análises químicas, experimentação, etc. Os meios utilizados eram ver, provar, saborear, cheirar, plantar.

Na sua «Advertência preliminar» à edição, de 1886, dos *Colóquios*, escreve o Conde de Ficalho que, nas pachorrentas conversas de Ruano e Orta fala-se de tudo, de plantas e de medicina, dos reis da Índia e do jogo de xadrez, da situação geográfica da Babilónia e de etimologia do nome das Maldivas. Cita depois Garrett que chegou a estar indigitado pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa para dirigir a primeira reedição dos *Colóquios*. Garrett abraçou com entusiasmo a ideia da Sociedade, sem nunca levar por diante a reedição projectada, apesar de pôr bem alto o interesse científico e histórico dos *Colóquios*, que classificou como «um tratado de ciência que é também um momento da história da arte e da linguagem».

Com uma abordagem deste último aspecto, artístico e literário dos *Colóquios*, nos ocuparemos para terminar.

Para descrever as drogas e os simples, Orta foi levado a estabelecer conexões entre o Homem o Universo, físico ou social. Ao evocar inter-relações entre clima, raças, meio social e as suas repercussões sobre os povos ou sobre os indivíduos, está a seguir as pegadas de Hipócrates. Existem também relações entre as drogas e as regiões ou climas que as produzem. Orta no seu livro, deve abranger todas estas intercorrências entre o Homem e a Natureza, o que o obriga a utilizar a sua prosa para «falar de tudo», tarefa altamente complexa. Ele é o médico que chega a um país desconhecido e observando a vida das populações, estabelecendo precisões sobre clima, estações do ano, características sociais e até políticas é capaz de elucidar-nos sobre as moléstias que mais poderão afectar os indivíduos desse país. E tudo isto Orta é capaz de observar, e o que é mais, tem a arte de o consignar no seu livro de forma literária adequada e clara.

As modificações que a pessoa esconde dentro do seu ser, se fazem parte integrante de um mesmo sistema geral, também são afectadas pelas mudanças do ambiente. Mas as modificações mais íntimas, mais escondidas do indivíduo, podem ser mais especificamente influenciadas pelos medicamentos. Era necessário relacionar estas propriedades presentes nos simples e drogas, com propriedades dos humores ou das partes do corpo cujo estado patológico se pretendia modificar.

Para analisar o jogo das interacções, o movimento dos contrários, Orta vai estudar a Natureza pela observação atenta do natural e, analisar o concreto usando a abstracção de modo limitado. Não se trata de introduzir abstracções que nos dêem as leis do Universo (o que só surgirá com Galileu no século

XVII). A unidade que Orta procura, leva a estabelecer analogias, afinidades, entre seres de reinos diferentes, deste modo organizando uma rede infinita que liga entre si os objectos naturais. Esta rede envolvente liga também a ciência textual dos Antigos, feita de coisas lidas, com a ciência moderna feita de coisas vistas.

Podemos comparar os textos de Orta com os textos de outros autores do século XVI. A atenção dispensada por Orta a tudo o que vê, a persistência com que aborda os seus informadores, procurando «desencovar a verdade ainda não sabida de todos», dá aos *Colóquios* uma densidade no tratamento do sensível que traz à mente os Cadernos de Leonardo da Vinci. Tanto num como no outro texto, há a apreciação do sensível em termos do sensível, com a convicção que a Natureza acabará por abandonar os seus véus, revelar os seus segredos, ao observador atento.

Outra obra do século XVI com importantes analogias com os *Colóquios* de Orta é os *Ensaio*s de Montaigne. Ambos os autores, Orta e Montaigne, são escritores torrenciais, e ao mesmo tempo fragmentários. Mas em Orta encontramos um maior afã de traçar um quadro de saber global, que abranja o maior número de detalhes possível mas de um modo mais ligado, constituindo um «corpo» unificado. Ambos são de sólida formação humanista, com profundo conhecimento dos Antigos que ao mesmo tempo admiram e contestam.

O título de *Colóquios*, põe em segundo lugar a Farmácia e a Medicina, envia o leitor para o espaço inter-relacional e afectivo, que pode ser preenchido com um saber comum feito do testemunho de vários homens (2). Liga-se de amizade com «colegas» da Europa, Ruano e Dimas Bosque, com os físicos indianos que vêm curar o seu pessoal doméstico, com os governadores, com os Baneanos que actuam como vendedores ambulantes nas ruas, com os príncipes hindus, como Nizamoxo.

(2) O encanto literário da obra torna-se patente desde o início com o saboroso e invulgar título: *Colóquios dos Simples, e Drogas e cousas medicinais da India, e assim de algumas frutas achadas nela, onde se tratam algumas cousas tocantes à medicina prática e outras cousas boas, para saber, compostos pelo Doutor Garcia d'Orta*. Por drogas se entende todos os medicamentos em geral, simples sendo aquelas drogas que são produtos vegetais ou animais, produtos imediatos (ou partes desses vegetais ou animais).

É esta presença afectiva dos outros que dá aos *Colóquios* um cunho de autenticidade e actualidade. O conhecer dos outros permite-lhe ao final conhecer-se melhor a si mesmo realizando o imperativo delfico de «conhece-te a ti próprio».

Os relatos de diferentes observadores médicos, alguns falando através da boca de Ruano, permitem-nos sentir um saber que se constrói, que não será definitivo (como se supunha ser o saber oferecido pelos Antigos). O tempo e o saber são avaliados desde a. Contemporaneidade para trás e não o inverso.

Os *Colóquios* são, não só, a Ciência que se procura a si própria, mas também a forma literária que se procura a si mesma. Orta não dispondo de uma terminologia, de uma sistemática que lhe permitam ser sintético nas suas descrições, apresenta uma linguagem em movimento. Orta deixa-se quase levar na corrente das associações de palavras. Ao procurar em várias línguas as palavras que definem a identidade das plantas, tem o prazer de descobrir termos como laranja e limão, que têm a mesma origem ou o mesmo som, em várias línguas. Quem sabe, se os espanholismos que Silva Carvalho descobriu nos *Colóquios* não representariam, de modo inconsciente, uma libertação de um jugo (o português como língua do opressor?). A forma extrema desse jugo seria representada pelo latim (língua da Igreja).

Como indício desta liberdade íntima que procurava é de sublinhar que Orta, além da história das drogas e especiarias, nos vai contando a sua própria vida, só não incluindo o relato do inferno que a sua condição de cristão-novo lhe fez atravessar.

A escrita dos *Colóquios* não transformou só o saber sobre as coisas da Índia, mas fez nascer em Garcia outro homem que depois o transporta. Já não temos perante nós o homem que quer negociar, enriquecer, conquistar, todo o saber sobre a Índia. No final já não quer possuir a Índia, a Índia é que tomou posse dele.

GARCIA D'ORTA – CRONOLOGIA

+/- 1500 - Nascimento em Castelo de Vide.

1515-23 - Estudos em Salamanca e Alcalá.

1526-34 - Vive em Lisboa tentando ser mestre na Universidade.

1534 - Partida para a Índia na armada de Martim Afonso de Sousa, que vai como Capitão -mor do mar.

1536 - Instalação da Inquisição em Portugal.

1542 - Casamento com Brianda Solis, de quem tem 2 filhas. Martim Afonso de Sousa Governador da Índia (1542-45).

1543 - Queimado em Goa o médico Jerónimo Dias.

1548 - Chegam à Índia a mãe e duas irmãs.

1557 - Morte da mãe.

1560 -- Instalação da Inquisição em Goa.

1563 - Publicação dos *Colóquios*.

1568 - Morte de Garcia d'Orta.

1568-69 - Irmã Catarina é presa na Inquisição de Goa e depois queimada. Garcia d'Orta condenado a ser queimado a título póstumo (entregues seus ossos a justiça secular).

1580 - A Inquisição queimou os seus ossos.

¶ **Coloquios dos simples, e**
drogas he cousas medicinais da India, e
alsi dalgũas frutas achadas nella onde se
tratam algũas cousas tocantes a medicina,
pratica, e outras cousas boas, pera saber
cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico
del Rey nosso senhor, vistos pello muyto
Reuerendo senhor, ho liçençado
Alexos diaz : falcam desenbar-
gador da casa da supricaça
inquisidor nestas
partes.

¶ Com priullegio do Conde visõ Rey.

Impresso em Goa, por Ioannes
de endem as x. dias de
Abril de 1563. annos.